

O PRIMEIRO ROMANCE CANUDENSE: 112 ANOS DEPOIS DA GUERRA

Adenilson de Barros de Albuquerque

RESUMO: As considerações presentes neste texto, em alguma medida, prestam homenagem ao artigo de Angela Gutiérrez, “Notícia sobre cem anos de ficção sobre Canudos”, publicado na primeira edição da Revista Canudos (1996), o qual surge como uma das referências basilares para a hipótese aqui apresentada de que “O pêndulo de Euclides” (2009), de Aleilton Fonseca, revela-se como a narrativa que alcançou abarcar a constituição exemplar de primeiro romance canudense. Objetiva-se, assim, apontar os principais elementos justificadores da noção sugerida, tendo em vista os pressupostos da Literatura Comparada e do campo teórico-crítico relacionado aos estudos de ficção historiográfica. O principal resultado esperado está na contribuição para o conhecimento do tema Canudos e para o olhar sobre uma das vertentes de escrita literária cuja importância, entre outras, está no auxílio ao entendimento do que seja o Brasil, em particular, e a América Latina, em sentido amplo.

PALAVRAS-CHAVE: romance histórico; narrativas canudenses; Guerra de Canudos.

ABSTRACT: The considerations present in this text, to a certain extent, pay tribute to the article by Angela Gutiérrez, “News on one hundred years of fiction about Canudos”, published in the first edition of the Revista Canudos (1996), which appears as one of the basic references for the hypothesis here presented that “O Pêndulo de Euclides” (2009), by Aleilton Fonseca, reveals itself as the narrative that achieved, the exemplary constitution of the first canudense novel. The goal here is to point out the main elements that justify the suggested notion, taking into account the assumptions of the Comparative Literature and the theoretical-critical field related to the studies of historiographical fiction. The major expected result is to contribute the knowledge of the Canudos theme and to one of the aspects of literary writing whose importance, among others, lies in helping to understand what Brazil, in particular, and Latin America, in a broad sense, are.

KEYWORDS: historical novel; Canudense narratives; The Canudos War.

APONTAMENTOS PARA UM PERCURSO

Desde a publicação de *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha, vêm se consolidando pelo menos duas vertentes entre os interessados em conhecer o que foi e o que representa a Guerra de Canudos (1896-1897): a dos euclidianos – aqueles que veem em um dos maiores clássicos da literatura brasileira a melhor e mais coerente leitura sobre o tema; a

dos conselheiristas – aqueles que buscam interpretar a história pela ótica dos vencidos, dos sertanejos, dos ensinamentos do líder Antônio Conselheiro.

Entretanto, especialmente nas últimas décadas, a partir de estudos como os de José Calasans (1915-2001), parece cada vez mais difícil o emprego dos rótulos euclidiano ou conselheirista, já que, em nome da coerência e da importância das duas vertentes, não há como defender uma sem recorrer à outra e vice-versa. Têm-se, portanto, tendências ou afeições a essa ou aquela maneira de ler a guerra, seus antecedentes e suas consequências.

O romance *O pêndulo de Euclides* (2009), de Aleilton Fonseca, por algumas das razões indicadas ao longo deste artigo, é uma obra em essência conselheirista – já no título, porém, não se dispensa a dívida euclidiana – e, mais que isso, pode ser considerada o primeiro romance canudense, no sentido mais básico e literal que o sufixo “ense” traz ao adjetivo: “naturalidade” (ALMEIDA, 1988, p. 394).

Muitos outros romances foram escritos sobre a temática de Canudos, grande parte deles denominados “ficção canudiana” (GUTIÉRREZ, 1996) ou, para mencionar mais um exemplo, “narrativa canudense” (ALBUQUERQUE & FLECK, 2015). Quanto ao sufixo “ano(a)”, ainda conforme Almeida (1988, p. 392), além da noção de “procedência”, também há a de “relação”; quanto ao termo “narrativa canudense”, deve ser considerado em sua justeza no contexto de uma pesquisa de mestrado em que o intento de se elencar vasta quantidade de obras e as linhas gerais das análises – comuns nesse período da trajetória acadêmica – não permitiram a atenção mais alargada e minuciosa à obra que ora está sendo retomada pelo pesquisador, anos depois e com alguma experiência adquirida.

Estando o leitor diante do décimo terceiro volume da *Revista Canudos*, não será demasiado prestar uma homenagem à primeira edição da mesma (1996), especialmente ao artigo “Notícia sobre cem anos de ficção canudiana”, de Angela Gutiérrez, no qual está agrupado em três blocos um conjunto de obras também sugestivamente denominado “romances de tema canudiano” (p. 9); “novelística literária de tema canudiano” (p. 15); “narrativas canudianas” (p. 20):

os da contemporaneidade de Euclides e dos acontecimentos de Canudos, fortemente contaminados pela proximidade da Guerra; os da década de 50, quando já é possível “ver” *Os sertões* e os acontecimentos com relativa perspectiva do tempo, ultrapassado o impacto de meio século provocado pelo trauma do episódio e pela obra euclidiana, e os da nossa contemporaneidade, décadas de 80 e 90, com maior perspectiva temporal e com a experiência histórica, cultural e literária do final do século XX, filtrando a guerra e o livro. (GUTIÉRREZ, 1996, p. 9-10).

A pesquisadora comenta *Os jagunços* (1898), de Afonso Arinos, e *Accidentes de guerra* (1905), de Dantas Barreto, no primeiro bloco; *Le mage du sertão* (1952), de Lucien Marchal, *João Abade* (1958), de João Felício dos Santos e *O Capitão Jagunço* (1959), de Paulo Dantas,

no segundo; *La guerra del fin del mundo* (1981), de Mario Vargas Llosa, *A casca da serpente* (1989), de José J. Veiga, e *As meninas do Belo Monte* (1993), de Júlio José Chiavenato, no terceiro.

O pêndulo de Euclides, em certa medida devedor, mas claramente novidadeiro em relação a romances como os apontados por Gutiérrez – pode-se conferir uma lista mais ampliada de ficções vinculados à mesma temática em Albuquerque (2019), em que obviamente, não consta o recente *Entre as chamas, sob a água* (2022), de Roosevelt Colini –, não se limita a ser mais um romance “relacionado” à Guerra de Canudos. Ele “nasceu de Canudos”, “com Canudos”. Não somente em meio às intrigas, aos certos e aos errados, mas gestado nos tempos e nos lugares, nas histórias e nas memórias, nas vivências oníricas e sinestésicas, nos fogos da guerra, nos passados pós-guerra, nos presentes do século XXI. Nenhum outro romance – isso é o que se pretende demonstrar aqui, apesar de haver grandes obras “relacionadas à” – apresenta-se como “natural de”, na medida alcançada por Aleilton Fonseca.

Para a leitura da obra – de modo a encará-la, portanto, como canudense –, além da importância de se estudar, o que não será aprofundada aqui, a contextualização histórica relacionada à guerra e ao desenvolvimento das cidades de Canudos (elas foram destruídas duas vezes), serão cinco as competências ou os eixos de exposição que, de modo preliminar e à guisa de exemplo, podem ser sintetizadas a partir das seguintes elaborações: 1. “O projeto para uma escrita do ainda não dito”; 2. “Há de se considerar tudo o que foi dito”; 3. “Há de se considerar Euclides da Cunha”. 4. “Há de se considerar a história dos/pelos sertanejos; 5. “Há de se considerar os dias e a noites dos depois e dos agoras”.

Antes de analisar os eixos indicados acima, salienta-se que, em termos de gênero (ou subgênero) literário, *O pêndulo de Euclides* está na prateleira dos romances históricos. Devido ao caráter didático, mutante e controverso em que o conceito se encontra desde o estudo realizado por Lukács (1955), faz-se necessário recorrer às diferentes vertentes “definidoras”, considerando-as criticamente, tendo como ponto de partida as principais ramificações teóricas que se destacaram ao longo da segunda metade do século XX e dos inícios do XXI. Bastante difundidas após o estudo inaugural supracitado, apresentam tanto excelentes esclarecimentos quanto falhas e limitações avaliativas, especialmente no que se compreende, por um lado, sobre a relação entre historiografia e escrita ficcional e, por outro, sobre as muitas vezes improficuas teses de enquadramento genérico.

Em linhas gerais, parece profícuo partir da noção de autenticidade histórica, como sendo, no chamado romance histórico:

a singularidade temporalmente condicionada da vida psicológica, da moral, do heroísmo, da capacidade de sacrifício, da perseverança etc. É isso que [...] é importante, imperecível, e marca época na história da literatura, e não o tão falado “colorido local” das descrições, que é apenas um entre muitos recursos

artísticos para figurar a questão principal e, por si só, jamais poderia despertar o espírito de uma época. (LUKÁCS, 2011, p. 69).

O objetivo ficcional dessa literatura, “ao figurar as crises históricas da vida nacional, é mostrar a grandeza humana que se desnuda em seus representantes significativos a partir da comoção de toda a vida da nação”. (LUKÁCS, 2011, p. 70).

Um exemplo interessante que destaca, de certa maneira, essa condição de crise e grandeza humanas em episódio de comoção nacional, está no que Machado de Assis escreve em crônica publicada em 14 de fevereiro de 1897, na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, no calor da hora dos conflitos bélicos da Guerra de Canudos:

Conheci ontem o que é celebridade. Estava comprando gazetas a um homem que as vende na calçada da Rua de S. José, esquina do Largo da Carioca, quando vi chegar uma mulher simples e dizer ao vendedor com voz descansada: – Me dá uma folha que traz o retrato desse homem que briga lá fora. [...] Leitor obtuso, se não percebeste que ‘esse homem que briga lá fora’ é nada menos que o nosso Antônio Conselheiro, crê-me que é ainda mais obtuso do que parece. A mulher provavelmente não sabe ler, ouviu falar da seita dos Canudos, com muito pormenor misterioso, muita auréola, muita lenda, disseram-lhe que algum jornal dera o retrato do Messias do sertão, e foi comprá-lo, ignorando que nas ruas só se vendem as folhas do dia. Não sabe o nome do Messias; ‘é esse homem que briga lá fora’. A celebridade, caro e tapado leitor, é isto mesmo. O nome de Antônio Conselheiro acabará por entrar na memória desta mulher anônima, e não sairá mais. Ela levava uma pequena, naturalmente filha; um dia contará a história à filha, depois à neta, à porta da estalagem, ou no quarto em que residem. (ASSIS, 1997, p. 115-6).

Em meio aos correspondentes de jornal que buscaram e divulgaram notícias da guerra em âmbito nacional, estava Euclides da Cunha a serviço do jornal *O Estado de São Paulo*. Antes de rever muitas de suas ideias a serem publicadas no impactante *Os sertões* (1902), hoje um dos maiores clássicos já produzidos no Brasil, o autor escreveu artigos exaltando as forças republicanas no combate aos conselheiristas. A mulher que contaria a história a sua filha e neta, entretanto, pode ser tida como exemplo dos analfabetos, muitos ainda em pleno século XXI, que utilizam da oralidade como principal recurso para contar e (re)conhecer acontecidos. Com base nos relatos “imaginosos e magníficos” vindouros após “extinta a seita e a gente dos Canudos”, muitos quadros foram e vêm sendo apresentados, sob as mais variadas formas de linguagem – as dos romances históricos estão evidentemente entre elas –, em todo esse tempo transcorrido após o 5 de outubro de 1897, término oficial da guerra (ALBUQUERQUE, 2013, p. 10).

Ressalte-se ainda que o marco alcançado pelo estudo de Lukács está referenciado, confrontado, criticado por, entre outros, vários investigadores da literatura (HUTCHEON,

1991; AÍNSA, 1991; MENTON, 1993; JITRIK, 1995; PONS, 1996; WEINHARDT, 2011; RIVAS, 2014; FLECK, 2017) interessados em demonstrar as mudanças e as características que os romances históricos vêm tendo especialmente nos séculos XX e XXI, diante das variadas concepções surgidas em grande parte no campo da historiografia (BURKE, 1992; WHITE, 1995; LE GOFF, 2001) e, em boa medida, nos estudos sociológicos, culturais, filosóficos, antropológicos, linguísticos.

A pesquisadora Luz Marina Rivas, em sua compreensão do conceito de romance histórico, reúne muitas dessas concepções críticas ao apresentar o seguinte:

entendemos como novela histórica aquella novela que re-crea el pasado en el interior de la ficción desde la distancia que le confiere una conciencia de la historia, presente en el texto como instancia de evaluación, reorganización e interpretación de los hechos del pasado, bien sea en el marco de lo público o de lo privado, y que para su construcción se vale el autor indistintamente de la incorporación de géneros discursivos diversos o hasta de hibridaciones genéricas, de acuerdo con el material elegido. Esto da pie a distinguir como novelas históricas textos que formalmente pueden ser descritos como testimoniales, epistolares, diarios, biografías y autobiografías, “bildungsroman”, etc. que asumen, en definitiva, la forma de textos de ficción histórica¹. (RIVAS, 2004, p. 53).

Ficam, todavia, as especificações dos debates sobre a escrita da ficção historiográfica e sua relação com a obra de Aleilton Fonseca para um outro formato e para um momento posterior às limitações deste artigo.

Apresentar-se-ão a seguir, portanto, os principais fios condutores que levam *O pêndulo de Euclides* a ser considerado, conforme vem sendo antecipado até aqui, o primeiro romance canudense. De modo fragmentado, reelaborado e ampliado, parte-se de alguns dos elementos desenvolvidos em dissertação de mestrado (ALBUQUERQUE, 2013, p. 114-140), no capítulo “Canudos atual e *O pêndulo de Euclides* (2009), de Aleilton Fonseca”, mas naquele momento da investigação ainda não amplamente compreendidos segundo os fundamentos de obra inaugural que ora se apresentam.

O PROJETO PARA UMA ESCRITA DO AINDA NÃO DITO

O aspecto pendular explícito no título do romance, que será revelado em resposta ao questionamento entre uma postura no contexto da guerra e outra em que Euclides da Cunha elabora em *Os sertões*, não é o único vazio histórico representado na ficção histórica

¹ Tradução livre: entendemos como romance histórico aquele romance que re-cria o passado no interior da ficção considerando a distância que lhe confere uma consciência da história, presente no texto como instância de avaliação, reorganização e interpretação dos fatos do passado, seja na esfera do público ou do privado, e que para sua construção o autor se vale indistintamente da incorporação de gêneros discursivos diversos ou até de hibridações genéricas, de acordo com o material eleito. Isso permite distinguir como romances históricos textos que formalmente podem ser descritos como testemunhais, epistolares, diários, biografias e autobiografias, “bildungsroman”, etc. que assumem, definitivamente, a forma de textos de ficção histórica.

de Fonseca. Em sua leitura, depreende-se, ademais, o que pode ser definido como um encontro amigável entre mundos por muito tempo “separados”, principalmente, devido a tensões políticas, sociais e culturais envoltas por preconceitos. Se de um lado estão personagens relacionadas a uma cultura acadêmica, letrada..., de outro, surgem figuras representativas da região onde ocorreu a Guerra de Canudos.

Para o poeta Luís Antonio Cajazeira Ramos, em texto exposto na orelha de *O pêndulo de Euclides*:

A Guerra de Canudos continua. A luta do sertão ainda sangra. O sertanejo ainda é um forte. Nada está encerrado e pacificado. A escritura da guerra não está completa. Não sem antes ouvirmos o que tem a dizer Aleilton Fonseca. Não sem pararmos para escutar a voz que vem dos sertões.

Os conhecimentos de um narrador personagem letrado, somados às contribuições das personagens Alex e Dominique, encontram no acolhimento e nas revelações de personagens sertanejas as vozes do sertão, estas que muitas vezes foram e são obscurecidas, deturpadas ou silenciadas, para dar vazão a “oficialidades”, “cientificismos” e “imparcialidades” em muitos estudos que pretenderam explicar um mundo multifacetado, repleto de riquezas e de significações.

O narrador personagem, assim como muitos intelectuais interessados em desvendar mistérios da temática canudense, viaja ao lugar dos conflitos, construindo suas impressões e seus aprendizados. Em contado com as vozes do sertão, vivencia um rito de passagem no qual velhos conceitos desaparecem e novas leituras são levantadas. Seu

sonho era escrever um livro. Eu queria fazer um ensaio, uma entrevista, ou mesmo um romance, em que uma voz sertaneja narrasse os eventos da guerra. Seria um narrador canudense que relatasse – de dentro – as quatro batalhas, ou seja, os quatro fogos da guerra, conforme denominava Antônio Conselheiro. [...] É certo que textos, objetos e documentos falam por si. E as vozes do sertão? O que elas têm a dizer? Lembrei-me de uma célebre frase do escritor francês André Gide, que nos ensina: “Tudo já está dito; mas, como ninguém escuta, é preciso sempre recomeçar”. (FONSECA, 2009, p. 14).

Em meio a esses incômodos e questionamentos, o narrador personagem discorda em pensamento da afirmação enfática de um conferencista que apontou Canudos como sendo um tema exaurido. Assim, dá início ao desenvolvimento de seu projeto: viajar, conhecer, comparar, analisar, escrever e publicar um livro.

HÁ DE SE CONSIDERAR TUDO O QUE FOI DITO

Ao encontra-se em um congresso universitário na cidade de Feira de Santana, o narrador personagem de *O pêndulo de Euclides* ouve, questiona e tira sua conclusão, diante das ideias do conferencista já referido na seção anterior. Está de acordo que haja um grande e variado acervo que dá conta dos fatos e das consequências históricas e sociais referentes à Guerra de Canudos. Mas “nada mais ecoa nos campos calcinados da memória que subjazem nas águas? Só nos resta interpretar as marcas do passado? De certa forma, sim. De alguma maneira, não”. (FONSECA, 2009, p. 14).

Sobre essa problemática, o autor chama a atenção, em entrevista ao site “Verbo 21 cultura & literatura” (2009, s. p.), para a vertente ficcional e os elementos que o ajudaram a compor o romance:

A ideia desse livro surgiu como resultado de mais de 30 anos de leitura, ao longo de minha vida de leitor e de professor de literatura. A primeira versão do livro refletia muito mais uma vertente ensaística e informativa consolidada em meus estudos. Após a leitura e as observações de alguns amigos, resolvi minimizar o volume ensaístico e adensar a vertente ficcional. Assim, no tecido composto das informações e das reflexões ensaísticas, multipliquei as situações ficcionais, numa teia de relações causais que estabelecem nexos entre os dados reais e os dados da imaginação, de modo a manter a coerência e a verossimilhança.

Fica evidente, portanto, que a obra resulta também de um processo investigativo robusto o qual acompanha – com as constantes ressalvas críticas no âmbito acadêmico, e no contato com o sertão e com os sertanejos – tanto o autor quanto o narrador personagem.

HÁ DE SE CONSIDERAR EUCLIDES DA CUNHA

Em dois momentos de *O pêndulo de Euclides*, o narrador personagem adormece e sonha com acontecimentos relacionados à Guerra de Canudos. No primeiro, há um retorno histórico e o contexto narrado se passa na estação ferroviária em Salvador, no dia em que Euclides da Cunha embarcaria em direção a Canudos. O narrador entrevista o então correspondente que apresenta muitas das ideias cientificistas sobre o sertão, e preconceituosas ao referir-se aos conselheiristas. A estratégia de voltar ao passado permite ao leitor conhecer aspectos de uma conjuntura histórica representados pela voz de uma personagem representante de outra época, sem que haja prejuízo à compreensão da narrativa, linear em sua quase totalidade.

Além de figurar como personagem cuja postura cambiante é um dos motivadores explícitos do romance, ela aparecerá no capítulo “Auto do Belo Monte”, em que se apresenta o julgamento em meio às ruínas da guerra. No anfiteatro ao ar livre, a juíza História “cumprira mais uma vez a sua missão indelével e incomensurável” (FONSECA, 2009, p. 186). Segue parte das palavras iniciais da Meritíssima:

Declaro aberta a sessão de julgamento dos responsáveis pela Guerra de Canudos, que resultou na destruição do Arraial de Belo Monte, causando a morte de seus 25 mil habitantes, entre homens, mulheres e crianças, e de 5 mil soldados, em quatro confrontos armados, entre os anos de 1896 e 1897. Neste processo serão julgados: de um lado, a República; de outro, o Sr. Antônio Conselheiro e a comunidade de Belo Monte. São as partes envolvidas no conflito o governo e os responsáveis pelas quatro expedições do Exército. (FONSECA, 2009, p. 166).

Há os discursos da República e do Conselheiro, os dois acusados pelo Senhor Tempo e defendidos pela Senhora Circunstância. Estre outros momentos do desenrolar judicial, há também o depoimento da personagem Euclides da Cunha, para quem “a consciência de justiça está acima das convicções políticas” (FONSECA, 2009, p. 182). O veredicto anunciado corrobora com as célebres palavras euclidianas em três curtos e certos parágrafos de *Os sertões*: “Eram, realmente, fragílimos aqueles pobres rebelados.../ Requeriam outra reação. Obrigavam-nos a outra luta./ Entretanto enviamos-lhes o legislador Comblain; e esse argumento único, incisivo, supremo e moralizador – a bala”. (CUNHA, 1987, p. 140). Eis a sentença:

– Declaro a República culpada das acusações de genocídio contra a comunidade sertaneja. Condeno-a por todas as ações de guerra, perpetradas sem amparo legal e a contrapelo da Justiça. Compete à ré promover, ao longo das próximas gerações, a necessária e indispensável reparação dos males causados ao sertão e aos camponeses de Canudos. O governo da República deve manifestar oficialmente um pedido de desculpas à memória de Antônio Conselheiro e de todos os sertanejos atingidos pela odiosa guerra. (FONSECA, 2009, p. 185-6).

Diferentemente da República que ainda não apresentou suas desculpas, Euclides da Cunha não hesitou, apesar de suas convicções polêmicas ainda atualmente problematizadas em diversos âmbitos de discussão, em reconhecer o erro e as consequências da guerra. O estudos relacionados a Canudos, assim como as mais distintas abordagens artísticas – e *O pêndulo de Euclides* está entre as mais bem-formuladas – não deixam de ter em *Os sertões* uma referência fundamental, por tudo o que significou e significa para vários campos do saber.

HÁ DE SE CONSIDERAR A HISTÓRIA DOS/PELOS SERTANEJOS

Durante a guerra, sabe-se que os defensores de Canudos recusaram-se “a adotar as regras de conduta ditadas pelo adversário, impondo seu ritmo de luta a um inimigo dotado de superioridade material e humana. Uma inversão das regras tradicionais de luta: o mais fraco se impôs taticamente sobre o mais forte.” (FREIRE, 2017, p. 171). Se essa é uma entre tantas características locais dos idos tempos – no romance, lembre-se também que os quatro fogos da guerra (expedições, segundo a historiografia militar ou acadêmica) são expostos a partir de uma voz conselheirista –, outras, mais amenas, podem ser constatadas em contexto próximo, a exemplo do vivido pela personagem Alex, disposto a interagir, ao seu modo, com os habitantes locais: “Depois de beber e prosear com alguns canudenses nos botecos da cidade, esticou a noite e caiu na farrá. Aceitou um convite e foi conferir a animação sertaneja num forró domingueiro”. (FONSECA, 2009, p. 189).

Na Canudos do século XXI, conversa-se e aprende-se amistosamente com personagens sertanejas como Estevo de Madá, dona Elza, seu Ozébio... Por intermédio de suas histórias, recusa-se a ideia de que “[...] a arte de narrar está em vias de extinção. [...] É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências” (BENJAMIN, 1994, p. 197). Na literatura desenvolvida por Fonseca, segundo Olivieri-Godet (2010, p. 99), o intercâmbio de vivências está presente de modo destacado e o que projeta “[...] no seu universo ficcional é uma visão complexa, pluridimensional do ser humano”.

Para além das histórias e características locais, é pelas palavras de uma personagem sertaneja que vem à tona um convite à desconfiança em relação aos meandros da linguagem. Isto se dá no diálogo entre as duas principais figuras do romance: o narrador e seu Ozébio, que “repreende” o primeiro da seguinte forma:

Entenda bem: o senhor me ouve, eu lhe digo, o senhor escreve, faz um livro. O senhor fica ainda mais o senhor. Daí fica importante, pega alta fama, até ganha um bom dinheiro. Possa ser. Não invejo. Até faço gosto. De hora em hora, suas melhoras. Mas, e se o senhor escreve sua ideia em cima de minhas falas? E eu, minhas prosas, meus versos, minhas palavras, tudo isso quase se apaga no seu livro. (FONSECA, 2009, p. 44).

Personagens sertanejas, portanto, do tempo passado – como José Euzébio que, junto com Euclides da Cunha, protagoniza um dos momentos centrais da narrativa, ao revelar por meio da ficção como se deu o movimento pendular do escritor, não detalhado historicamente – e do presente, representam vozes determinantes no romance.

HÁ DE SE CONSIDERAR OS DIAS E A NOITES DOS DEPOIS E DOS AGORAS

No desenvolvido até aqui, observam-se os indícios de que, em *O pêndulo de Euclides*, a Canudos de “ontem” e a de “hoje”, pelo menos o contexto existente até o ano de sua publicação, estão largamente contempladas. Dessa última, e do que vem se transformando até os dias atuais, destacam-se, para pontuar alguns elementos, a representação da feira por intermédio da personagem Estevo de Madá; a atenção aos memoriais da cidade; o acolhimento aos turistas, na construção do ambiente ficcional de uma pensão, cuja proprietária é a personagem dona Elza; e os serviços prestados pela personagem Domingos, um guia. Referências à cultura popular, aos festejos religiosos, à culinária e às atividades de final de semana para muitos jovens também recebem destaque. É na feira que a personagem Alex exclama: “Isso é o povo real, é a gente brasileira” (FONSECA, 2009, p. 24).

Dona Elza apresenta detalhes referentes às várias festas anuais da cidade – todas ligadas à Igreja e à Romaria de Canudos – e às diversões do dia a dia que também acontecem às margens do lago, na prainha de Canudos Velho; discorre sobre os pratos da região, em uma lista repleta de variedades. “Sem aguardar nova pergunta, ela arrematou: – Canudos tem tudo isso de bom, meu senhor” (FONSECA, 2009, p. 31).

Se por um lado à região para onde seguiram muitos conselheiristas, no final do século XIX, com a finalidade de viverem em uma comunidade pacífica e próspera, encaminham-se muitas vezes, ironicamente, visitantes em busca das memórias de um passado de destruições; por outro lado, personagens como dona Elza, Estevo de Madá ou o guia Domingos são representativas das pessoas que sobrevivem, também, a partir da potencialidade turística, ainda pouco explorada, diante da significação histórica local. Mas já surgem novas alternativas como a Feira Literária Internacional de Canudos (FLICAN), que em 2023 esteve na quarta edição.

As criações do Parque Estadual de Canudos e dos memoriais foram iniciativas excelentes, todavia, como quase todos os espaço públicos do país, ainda carentes de maiores incentivos governamentais para que sejam mantidos conforme suas importâncias merecem. Outro ponto a se destacar é a construção do asfalto entre as cidades de Bendegó e Canudos no ano de 2012.

Esses elementos ajudam a ter uma mínima noção sobre o estágio de uma cidade pequena do interior da Bahia em relação ao restante do Brasil. Entretanto, eles não garantem aos moradores canudenses privilégios que não sejam semelhantes aos encontrados em muitas cidades do país, e mesmo nas capitais, onde serviços básicos como saúde e educação não estão de acordo com as necessidades primárias de uma nação rica e “civilizada”.

O AUTOR, A OBRA E O SERTÃO: CONTINUAÇÕES FINAIS

A certa altura de *O pêndulo de Euclides*, depara-se o leitor com as perspectivas de aproximações familiares em um narrador personagem que busca respostas para um assunto que o intriga desde a infância, no contato com livros ou nas histórias de sua avó, a personagem Laudilina. Esta tem o mesmo nome de uma prima da personagem seu Ozébio. Nascida em Bom Conselho, casou-se com um moço grapiúna e foi embora para as terras do sul da Bahia. Trata-se dos mesmos lugares onde nasceu e para onde foi morar a avó do narrador o qual, ao ouvir as palavras do velho sertanejo, teve “um ímpeto de dizer algo, mas a voz embargou na garganta. Mantive-me discreto, sem fazer alarde nem indagações impróprias para o momento. Certos mistérios não devem ser esmiuçados sem precisão”. (FONSECA, 2009, p. 203).

O parentesco implícito não é retomado em momento posterior do romance. Parece, entretanto, suficiente para justificar a recorrência dos interesses que, desde os primeiros contatos com o tema da Guerra de Canudos até a visita *in loco* aos campos de batalha, fizeram parte das buscas de uma figura letrada da cidade grande, como algo que lhe fosse muito próximo, que fizesse parte da sua vida.

No desejo de dizer o que ainda não havia sido dito, o narrador personagem viaja com os dois amigos; vão “conversando sobre as características do sertão e sua importância cultural. Lembrávamos os fatos históricos, as personalidades, a poesia, os romances, toda uma cultura que precisava ser mais reconhecida e valorizada pelo país” (FONSECA, 2009, p. 19).

Por esses caminhos, não há exagero em afirmar que *O pêndulo de Euclides* se encontra na encruzilhada de uma ideia de sertão que “era um mundo quase sem registro cultural letrado, mas com o tempo até mesmo esse mundo alcançaria a letra, a forma estética sofisticada, sendo objeto de palavra ou sujeito da palavra”. (FISCHER, 2021, p. 336). No romance, autor, narrador e personagens ajudam a emoldurar o encontro desses mundos, na procedência das histórias vindas das memórias orais e/ou escritas, registradas em português zeloso com a morfologia padrão, estando as semânticas das variações contempladas pelo trato sintático. Não há, portanto, o falseamento dicotômico entre o “falar errado” estereotipado dos sertanejos (jamais alcançado pelo preconceito das ignorâncias acadêmicas) e o “brilho gramatical” do escritor diplomado. No romance, a linguagem flui, pois, como já sugerido em outro lugar, autoria e obra são “naturais de” Canudos, uma condição conquistada a partir de inquietudes, como se lê:

Nas aulas de História, só os velhos temas. Ensinavam-me a repetir datas e fatos e a admirar as personagens oficiais. Pior: aos oito anos de idade fui obrigado a me perfilar junto com os colegas no pátio da escola, no longínquo dia 31 de março

de 1968, para cantar o Hino Nacional em louvor à ditadura militar de então. Obrigado a cumprir ordens, a escola traía com isso a inocência de minha idade. Nunca me contaram nada sobre Canudos. Mas eu descobri. (FONSECA, 2009, p. 15).

O ficcional se estende ao que comumente se entende como realidade, na confluência dos tempos e dos lugares, no desejo de pertencimento ou de necessidade – esse é o caso de Aleilton Fonseca – de escrever uma história a partir dos ares e das terras de Canudos, não como alguém que apenas leu e ouviu falar, mas na condição de quem esteve e está envolvido entre os canudenses antes, durante e após a escrita/publicação do romance.

Se o autor em si não define a obra, cuja substância fundamental está na elaboração pela palavra, não será demasiado afirmar que a relação do escritor com o contexto histórico e físico canudenses contribuiu para o resultado, conforme ele próprio afirma, de uma

narrativa a partir do lugar sertanejo. Muitos e muitos contaram a história de Canudos, mas com um olhar de fora, como observador de um outro que é o sertanejo. O sertanejo são eles: eles, o sertanejo. [...] Depois de ler tantos romances, tantos cordéis sobre Canudos, mas sempre falando sobre eles, eu pensei que estava na hora de compulsar muitos depoimentos colhidos por pesquisadores e formar uma narrativa que tivesse como voz, como protagonista, o próprio sertanejo, em que o sertanejo falasse nós, nós os canudenses, nós os seguidores de Antônio Conselheiro, porque isso eu não encontrava nos romances que lia e sobre os quais muitas vezes escrevi e dei aulas. Então sendo eu um professor de literatura preocupado com essa questão do lugar de fala, muito consciente da narrativa sertaneja, e sendo escritor, eu achei que podia dar essa contribuição. (FONSECA, 2021, s. p.).

Em resposta particular ao autor deste artigo, Aleilton Fonseca enumerou as oportunidades em que, antes e após a publicação de *O pêndulo de Euclides*, esteve em Canudos: primeira vez em 2003. Em 2009, por necessidade para concluir o romance, foi a Monte Santo-BA, onde percorreu o caminho da Santa Cruz, construído pelo frei Apolônio de Todi, e em seguida retorna a Canudos, em detalhada visita guiada. Depois de 2009, fez outras 9 viagens, sendo a última em 2023. Nesse período, esteve em ações de reconhecimento e pesquisa, com alunos, escritores, pesquisadores, participando da Romaria de Canudos, caminhadas, festas literárias, festas de Santo Antônio. “Foi condição *sine qua non* subir o Monte e voltar a Canudos. Só assim achei o sentido final da narrativa e pude concluir com a visita dos 3 amigos ao campo da luta, o ritual do narrador letrado e a conclusão do narrador sertanejo seu Ozébio”. (FONSECA, 2023). Não se trata, portanto, de um romance de gabinete, de achados e de desfechos lógicos fundamentados exclusivamente pela historiografia ou em postulados teóricos.

Obviamente, a construção do narrador personagem e da narrativa interessa à crítica literária de modo central. Não será demais, porém, admitir que no texto de Fonseca

haja motivação autobiográfica. O resultado da confluência entre passado e presente, escrita e oralidade, academia e sertão, aqui e acolá, conforme indicações propostas nos cinco eixos formulados anteriormente, aponta, portanto, para *O pêndulo de Euclides* – sem desmerecer as dezenas de ficções relacionadas a Canudos já publicadas – como aquela obra cuja condição de pertencimento lhe confere o posto de primeiro romance canudense.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Adenilson de Barros de. **Narrativas canudenses: conflitos além da guerra**. Dissertação. Cascavel-PR: UNIOESTE, 2013.

ALBUQUERQUE, Adenilson B.; FLECK, Gilmei F. **Canudos: conflitos além da guerra - entre o multiperspectivismo de Vargas Llosa (1981) e a mediação de Aleilton Fonseca (2009)**. Curitiba: Editora CRV, 2015.

ALBUQUERQUE, Adenilson de Barros de. **La guerra del fin del mundo e O pêndulo de Euclides: momentos decisivos no conjunto das narrativas canudenses**. Revista *Léguas & Meia*, v. 9, n. 1, Feira de Santana: UEFS, 2019.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1988.

ASSIS, Machado de. **A semana II**. São Paulo: Globo, 1997.

BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo, SP: UNESP, 1992.

COLINI, Roosevelt. **Entre as chamas, sob a água**. São Paulo: Labrador, 2022.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões: campanha de Canudos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

FISCHER, Luís Augusto. **Duas formações, uma história: das ideias fora do lugar ao perspectivismo ameríndio**. Porto Alegre: Arquipélago, 2021.

FLECK, Gilmei Francisco. **O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção**. Curitiba: CRV, 2017.

FONSECA, Aleilton. **O pêndulo de Euclides**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

FONSECA, Aleilton. Conversa com o escritor Aleilton Fonseca. FLIFS Oficial, 2021. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YbJIqBlfjbY> Acesso em: 09 out. 2023.

FONSECA, Aleilton. Verbo 21 cultura & literatura. Disponível em encurtador.com.br/iJM15 Acesso em: 20 out. 2012.

FREIRE, Wellington. **A condução da guerra em Os sertões**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2017.

GUTIÉRREZ, Angela Maria R. M. de. **Notícia sobre cem anos de ficção canadiana**. Rev. Canudos. Salvador, UNEB, v. 1, n. 1, 1996.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JITRIK, Noé. **Historia e imaginación literaria: las posibilidades de un género**. Buenos Aires: Biblos, 1995.

LE GOFF, Jacques. (org.) **A história nova**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001.

LUKÁCS, György. **O romance histórico**. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

MENTON, Seymour. **La nueva novela histórica de la América Latina: 1979-1992**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

OLIVIERI-GODET, Rita. **Aleilton Fonseca: O engenho do faz-de-conta como aprendizagem da vida**. Revista da Academia de Letras da Bahia, n. 49, dez. 2010 – Salvador: Academia de Letras da Bahia, 2010.

PONS, María Cristina. **Memorias del olvido: la novela histórica de fines del siglo XX**. México: siglo veintiuno editores, 1996.

RIVAS, Luz Marina. **La novela intrahistórica**. Venezuela: El otro el mismo, 2004.

WEINHARDT, Marilene. **Romance histórico: das origens escocesas ao Brasil finissecular**.

WEINHARDT, M. (org.). **Ficção histórica: teoria e crítica**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2011.

WHITE, Hayden. **Meta-História: a imaginação histórica do século XIX**. Trad. MELO, José Laurêncio de. São Paulo, SP: Edusp, 1995.